

O INFINITIVO FLEXIONADO: uma questão gramatical ou estilística

Vivian da Silva¹

Professor Doutor Sérgio Menuzzi²

Outubro 2011

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de refletir e analisar uma das mais controvertidas questões da língua portuguesa, o emprego do infinitivo flexionado. Para isso, realizou-se um estudo de diferentes gramáticas tradicionais, bem como obras que levam em consideração os estudos lingüísticos mais recentes. Após este estudo das obras, realizou-se comentários críticos a respeito de como cada gramático apresenta e observa o emprego do infinitivo flexionado e, posteriormente, fez-se uma aplicação de um questionário em alunos de 2º. e 3º. anos do Ensino Médio de uma instituição pública para verificar a opção de escolha na ocorrência do infinitivo flexionado entre os falantes de língua materna. O objetivo é refletir sobre a importância da aplicabilidade deste estudo no ambiente escolar.

Palavras chaves: Gramática. Flexão verbal. Língua.

INTRODUÇÃO

Após a instituição da NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), as gramáticas escolares – que seguem a gramática tradicional (GT) – passaram a apresentar várias orientações sobre o emprego do infinitivo flexionado que geram dúvidas não só nos falantes, mas também entre os gramáticos. Por isso, percebe-se que não há um consenso quanto a qual deve ser a forma mais adequada a cada caso. Por essa razão, a flexão do infinitivo pode ser visto como uma das mais controvertidas questões da língua portuguesa.

Entre os gramáticos, há observações quanto ao uso do infinitivo como se fosse uma escolha dos falantes, evidenciando que o usuário de língua materna tem a liberdade

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura em instituição pública, graduada em Língua Portuguesa pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, estudante de Pós-graduação em gramática e ensino de língua portuguesa. E-mail: slv_vivian@yahoo.com.br

² Professor e orientador da 5ª. Edição do curso de pós-graduação em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa.

de escolha por uma forma ou outra (flexionado ou não flexionado). Embora o português brasileiro já tenha sofrido modificações no paradigma verbal, tendo perdido algumas de suas flexões, o infinitivo é uma das formas em que mantém, em certos contextos, a presença das flexões de concordância, razão pela qual podemos chamar este fenômeno de infinitivo flexionado.

Em alguns contextos, os falantes podem escolher entre um infinitivo flexionado ou um infinitivo não flexionado, como se vê nos exemplos (1) e (2):

- (1) Vejo as meninas saírem.
- (2) Vejo as meninas sair.

Entretanto, em outros contextos, não há escolha e uma das formas é obrigatória. Nos exemplos (3) e (4) percebe-se que a escolha é obrigatória do infinitivo não flexionado na frase encaixada. Estas estruturas infinitivas que não aceitam sujeitos lexicais são muito interessantes, uma vez que, segundo os estudiosos, podem surgir a partir das escolhas dos falantes.

- (3) Eles pararam de fumar
- (4) Eles conseguiram fazer isso a tempo

Said Ali (1921:351) aponta que tanto a forma flexionada quanto a não-flexionada são aceitáveis, ficando à escolha a critério do falante. Para tanto, este artigo tem o objetivo de verificar, através de um questionário, qual seria a escolha dos falantes, já que para muitos gramáticos, optar pelo infinitivo flexionado ou não flexionado é uma questão de estilística.

1 O INFINITIVO FLEXIONADO

A maioria das gramáticas apresenta o infinitivo como uma forma nominal. E afirma que esta é a forma com a qual um verbo se apresenta naturalmente, sem qualquer conjugação. Entretanto, no português temos dois infinitivos, o não flexionado (ou

impessoal) e o flexionado (pessoal). Este último desperta o interesse dos gramáticos da língua por ser único – não é encontrado em qualquer outra língua românica.

O infinitivo flexionado é a forma de infinitivo verbal que tem sujeito próprio – determinado ou não – e recebe as desinências zero na 1^a. e na 3^a. pessoas do singular, -*es* na 2^a. pessoa do singular, e -*mos*, -*des* e -*em* na 1^a., 2^a. e 3^a. pessoas do plural, respectivamente. Tendo sempre sujeito próprio, é sempre orientada a um referente (expresso ou não) da própria oração infinitiva, referente que pode estar anteposto ou posposto ao verbo. Isso é o que se vê em (5) e (6) abaixo. Por lado, é preciso observar que algumas orações com infinitivo impessoal também podem ter sujeito explícito, como se vê em (7) e (8).

(5) Eu convenci as meninas a trabalharem comigo

(6) Ouvi dizerem que isso é bom.

(7) Eu convenci as meninas a trabalhar comigo.

(8) Ouvi dizer que isso é bom.

O infinitivo não flexionado é a forma verbal que não apresenta sujeito, já que não se refere a uma pessoa gramatical determinada, como se vê no seguinte exemplo:

(9) __ fumar é prejudicial.

A forma verbal “fumar” em sua estrutura apresenta uma base (morfema lexical), a vogal temática que identifica a conjugação do verbo (*fal-a-r*, *vend-e-r*, *part-ir*, respectivamente para as conjugações 1^a., 2^a. e 3^a.), e a desinência -*r*.

Para Cunha e Cintra (2001), Bechara (2003) e Rocha Lima (2005) o infinitivo flexionado deve ser empregado quando apresentar sujeito expresso, como se pode observar em:

(10) É bom (tu) chegares bem cedo.

Os autores Bechara (2003:284), Lima (2005:414) e Almeida (1999:547) destacam a possibilidade de ocorrência do infinitivo flexionado quando este aparecer em locuções verbais com os verbos *poder, saber, querer, dever, costumar, começar*³ ou respectivos sinônimos, afastado do seu auxiliar. A flexão do infinitivo contribui para desfazer a possibilidade de confundir o sentido da frase, como se vê em:

- (11) *Possas*⁴ tu, descendente maldito/ De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros, /*Seres*⁵ presa de vis Aimorés. (Gonçalves Dias apud Bechara 2005)

Com relação aos infinitivos que dependem dos verbos causativos e sensitivos (*mandar, deixar, fazer, ver, ouvir, sentir* e sinônimos) os gramáticos Cunha e Cintra (1985); Bechara (2003) e Rocha Lima (2005) compartilham das mesmas observações. Segundo os autores, estes verbos tendem a não flexionar particularmente com o sujeito posposto ao verbo, como se observa em (12) abaixo. Porém, aparecem casos em que o infinitivo poderá ser flexionado com se vê em (13). Assim como, há a possibilidade de flexão também quando o infinitivo se encontrar afastado do verbo causativo ou sensitivo pela interposição de dizeres extensos, o que se observa em (14).

- (12) A fumaça faz *fugir* as abelhas
(13) Vi *aparecerem* as meninas estudiosas da escola.
(14) Viu de antigos, longínquos e altos montes *nascere*m duas claras e altas fontes. (Camões apud Lima 2005)

Assim como Cunha e Cintra (1985), Almeida (1999) acrescenta a possibilidade de flexão do infinitivo quando se insere, um sujeito, entre o auxiliar e o infinitivo e este vir representado por um substantivo ou oração infinitiva, como se pode observar em

³ Estas formas verbais são destacadas por Rocha Lima como auxiliares modais que normalmente regem outro verbo a fim de indicarem noções de começo de ação, duração, repetição, continuação, terminação, etc.

⁴ Grifo do autor.

⁵ Grifo do autor.

(15), ou ainda, quando o sujeito aparecer sob a forma de pronome oblíquo, ou seja, este sujeito receberá o caso acusativo do verbo da oração principal, como se vê em (16):

- (15) Maria *mandou* [os homens] *sáírem*.
 (16) Maria *mandou-os sair*.

Em relação aos infinitivos regidos de preposição os autores Almeida (1999), Rocha Lima (2003) e Cunha e Cintra (2003) compartilham das mesmas observações quanto ao uso do infinitivo flexionado nos seguintes casos:

(A) Na combinação *a + infinitivo*, equivalente ou a um gerúndio, ou a um particípio, ou a uma oração temporal introduzida pela conjunção *quando*, como se vê em (17) e (18):

- (17) Andavam *a montar* casa.
 (18) Ficaram todos pasmados ao verem-no *caminhar*.

(B) Também em verbos regidos de preposição *de* servindo de complemento nominal a adjetivos, o que se observa nos exemplos (19) e (20):

- (19) (...) coisas fáceis de perceber. (Machado de Assis apud Lima 2003)
 (20) Versos! São bons de ler, mais nada; eu penso assim. (Machado de Assis apud Lima 2003)

Como se observa, a tradição gramatical apresenta como variável o uso do infinitivo (flexionado/ não flexionado) em algumas estruturas, em outras afirma que uma ou outra forma é obrigatória, mas não discute qual seria a preferência do falante de língua materna – até porque seu objetivo não é este. Os autores compartilham não apenas das principais observações, mas também de opiniões acerca destas estruturas: por exemplo, todos parecem acreditar que o uso do infinitivo é seletivo, pertencente mais ao campo da estilística do que da gramática.

Na mesma linha, os autores estudados são unânimes em afirmarem que o infinitivo é uma das possibilidades que a língua proporciona ao falante para variar e colorir o seu estilo. Ainda compartilham a idéia de que o estudo do infinitivo é controverso porque dá margem a discussões entre os estudiosos.

2 APLICAÇÃO DO TESTE E ANÁLISE

Conforme mencionado anteriormente, a pesquisa foi realizada com 200 alunos de 2º. e 3º. anos do Ensino Médio de uma instituição pública. O questionário (ver Apêndice A e B) foi aplicado nas turmas em diferentes momentos do turno de aula. Escolheu-se nas turmas de 2º. anos aplicar o questionário A, que contém pares de frases em cada opção. Nos gráficos abaixo, nomeou-se A1, A2, B1, B2, etc., conforme as opções que vão de a) até g) nos questionários. Para cada par, os alunos deveriam marcar, de acordo com a convenção que lhes foi fornecida, o que lhes parecia mais natural. O mesmo procedimento adotou-se nas turmas de 3º. anos, porém estas responderam o questionário B (que também contém o mesmo conjunto de opções de pares de frases), tentando-se evitar assim que os alunos trocassem informações sobre o questionário e sobre o que deveriam marcar.

Para a aplicação dos questionários, não foram trabalhadas antes as observações realizadas pelos autores estudados no capítulo 1 deste artigo, justamente porque o objetivo é verificar o quanto as principais estruturas discutidas pelos gramáticos são ainda aceitas pelos alunos.

Conforme a figura 1 abaixo, observa-se que os resultados obtidos demonstram que algumas estruturas tradicionais são reconhecidas como naturais pelos alunos, como por exemplo, no par de frases da opção B (B1 e B2) do questionário A. A frase B2 “Eles lamentam muito estarem desempregados” obteve 80% de escolha, evidenciando ser natural, ou seja, os alunos reconhecem esta estrutura como boa, como se vê na figura 1. É de se notar que a outra opção, B1 “Eles lamentam muito estar desempregados”, foi considerada menos natural pela maioria dos alunos – contrariamente ao que recomendaria a norma tradicional, para a qual se deve evitar o infinitivo flexionado no

caso de locuções verbais. Note-se que o que há de particular, neste par, é a ocorrência do advérbio *muito* entre o verbo *lamentar* e o verbo *estar*.

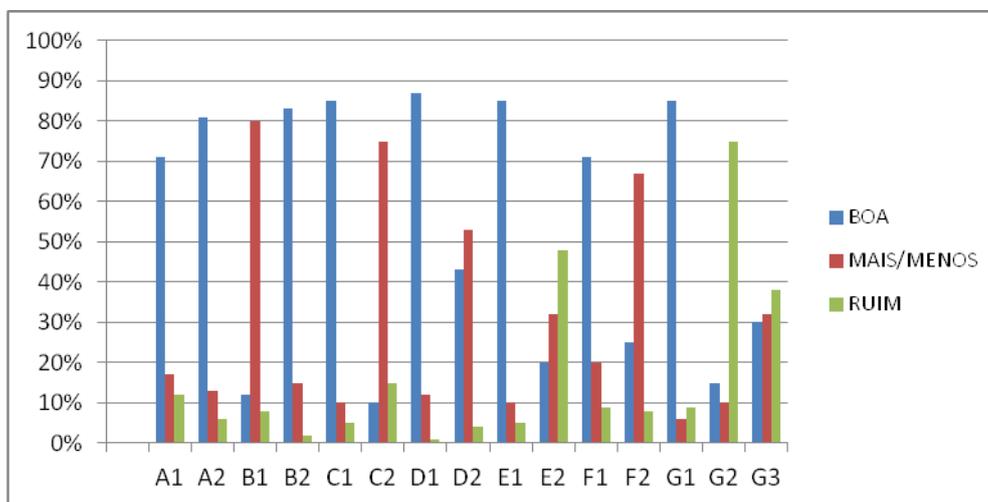


Figura 1: Questionário A

Fonte: Elaborado pela autora.

A figura 1 mostra outros contextos em que o infinitivo flexionado é preferido. É o que acontece na opção D, em que temos os pares D1 “Vi os meninos pularem o muro” e D2 “Vi os meninos pular o muro”; novamente, os alunos reconheceram o infinitivo flexionado (D1) como a melhor escolha, evidenciando assim a necessidade de pôr em evidência o agente da ação verbal. Ainda é importante destacar que, quando há a presença clara da locução verbal – sem a ocorrência de advérbio entre o auxiliar e o infinitivo – o falante reconhece mais natural não flexionar o infinitivo, demonstrando assim o reconhecimento da unidade semântica entre estes verbos: é o que acontece na opção E (E1 “Eles desejavam encontrar um emprego melhor” e E2 “Eles desejavam encontrarem um emprego melhor”).

Com relação a figura 2, relativa ao questionário B, observa-se o mesmo: há contextos em que os falantes preferem o infinitivo flexionado, e outros em que preferem o não flexionado.

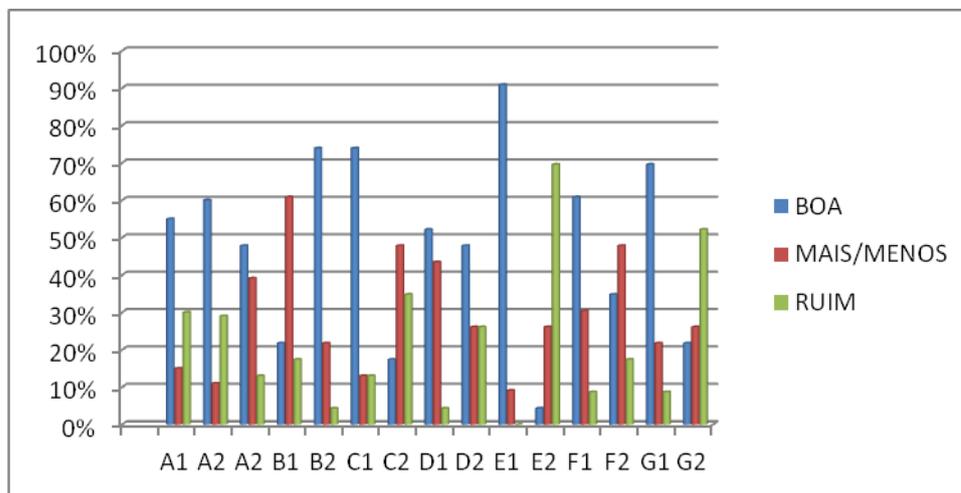


Figura 1: Questionário B

Fonte: Elaborado pela autora.

Um resultado interessante da figura 2 é o que aparece para a opção G na qual temos os pares G1 “Eles lamentam estarem desempregados” e G2 “Eles lamentam estar desempregados”: para este par, os alunos optaram em reconhecer como natural G1, isto é, preferiram o infinitivo flexionado mesmo não havendo nenhum advérbio entre o verbo flexionado e o verbo infinitivo. Este resultado parece em contradição com aquele apontado para a opção na figura 1. Com o verbo *lamentar*, diferentemente do verbo *desejar*, os alunos optaram por flexionar o verbo da segunda oração, enfatizando o agente da ação verbal.

Em ambos os questionários (A e B) observa-se que algumas construções tradicionais são reconhecidas como naturais pelos alunos e que, mesmo não tendo conhecimento das reflexões de gramáticos sobre o assunto, os alunos reconhecem tais estruturas. Por exemplo, na opção A da figura 1, tem-se as possibilidades A1 “parecem... gostar”, A2 “parece... gostarem” e A3 “parecem... gostarem”: A1 e A2 – as construções admitidas pela descrição tradicional – são preferencialmente julgadas como naturais; A3 – que não é admitida na descrição tradicional – tem quase a mesma proporção de julgamentos naturais e pouco naturais.

3 CONCLUSÃO

Após a aplicação do questionário nos alunos do 2º. e 3º. anos do Ensino Médio constatou-se que algumas estruturas tradicionais ainda são reconhecidas como naturais entre os falantes de língua materna.

O que fica evidente também é que, realmente, as construções com o infinitivo flexionado constituem um sistema complexo, uma vez que as possibilidades de ocorrência do flexionado ou não flexionado poderá depender de traços semânticos (verbos *lamentar* e *desejar*) e sintáticos (ocorrência de advérbio entre verbo flexionado e infinitivo), e ainda da escolha dos falantes

Ainda pode-se perceber que há um conhecimento de linguagem internalizado entre os alunos entrevistados e que este é um elemento importante para que o professor de língua materna planeje suas aulas de modo a oferecer momentos de estudo e reflexão para os alunos – o que vale, especialmente, para o emprego destas construções.

APÊNDICE A**Questionário A:**

Prezado aluno,

Este questionário procura verificar se algumas construções tradicionais ainda são sentidas como naturais por falantes do português brasileiro coloquial. Compare os pares de frases abaixo e marque-as de acordo com a seguinte escala:

✓ = boa, natural

± = mais ou menos boa, não muito natural

✗ = ruim, muito pouco natural

- a) 1 () Paulo mandou eu sair.
2 () Paulo me mandou sair.
- b) 1 () Eles lamentam muito estar desempregados.
2 () Eles lamentam muito estarem desempregados.
- c) 1 () Eles desejavam, ouvi a Maria dizer ontem, encontrar um emprego melhor.
2 () Eles desejavam, ouvi a Maria dizer ontem, encontrarem um emprego melhor.
- d) 1 () Vi os meninos pularem o muro.
2 () Vi os meninos pular o muro.
- e) 1 () Eles desejavam encontrar um emprego melhor.
2 () Eles desejavam encontrarem um emprego melhor.
- f) 1 () O papel da imprensa é fazer circular as informações.
2 () O papel da imprensa é fazer circularem as informações.
- g) 1 () Os rapazes parecem gostar muito de Maria.
2 () Os rapazes parece gostarem muito de Maria.
3 () Os rapazes parecem gostarem muito de Maria.

APÊNDICE B**Questionário B:**

Prezado aluno,

Este questionário procura verificar se algumas construções tradicionais ainda são sentidas como naturais por falantes do português brasileiro coloquial. Compare os pares de frases abaixo e marque-as de acordo com a seguinte escala:

✓ = boa, natural

± = mais ou menos boa, não muito natural

✗ = ruim, muito pouco natural

- a) 1 () Os rapazes parecem, pelo que vejo, gostar muito de Maria.
2 () Os rapazes parece, pelo que vejo, gostarem muito de Maria.
3 () Os rapazes parecem, pelo que vejo, gostarem muito de Maria.
- b) 1 () Eles lamentam muito estarmos desempregados.
2 () Eles lamentam muito nós estar desempregados.
- c) 1 () Mandei elas saírem.
2 () Mandei-as sair.
- d) 1 () Eles lamentam, ouvi a Maria dizer ontem, estar desempregados.
2 () Eles lamentam, ouvi a Maria dizer ontem, estarem desempregados.
- e) 1 () Eles desejavam muito encontrar um emprego melhor.
2 () Eles desejavam muito encontrarem um emprego melhor.
- f) 1 () Paulo mandou tu saíres.
2 () Paulo te mandou sair.
- g) 1 () Eles lamentam estarem desempregados.
2 () Eles lamentam estar desempregados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44^a. Edição , São Paulo, Editora Saraiva:1999.

BECHARA, Evanildo. 2001. **Moderna gramática portuguesa**. 37^a. Edição, Rio de Janeiro, Editora Lucerna: 2003.

CUNHA & CINTRA. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3^a Edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira: 1985.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 44^a. Edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.